

Lehmann

Mariana Barrote Charme

22.11.2025

24.01.2026

PT

ES

EN

Lehmann

Mariana Barrote Charme

22.11.2025

24.01.2026

[PT]

Mariana Barrote, *Charme*

É difícil esquecer a primeira vez que se encontra o trabalho de Mariana Barrote. Na sua crueza, simplicidade e imediatismo, cada imagem que a artista cria emana uma força e uma fascinação que permanecem connosco durante muito tempo, como uma imagem que habita a nossa mente e dança através do nosso corpo. Essa imagem pode ser uma mulher, um cavalo, uma borboleta, um centauro ou outra quimera. Também um ser que não conseguimos reconhecer — e isso não importa, porque não é assim tão relevante *compreender* a obra, mas sim sentir um fluxo que nos atravessa dos olhos ao estômago e ao coração, fixando-se, na sua inquietação, na nossa mente.

As figuras que Mariana cria existem em metamorfose, um termo inapreensível que escorrega das mãos como uma enguia em águas lamacentas. São um voto de mudança e transformação, entidades em reconfiguração permanente e que também nos transformam. A metamorfose é o medium de Mariana, a forma dos seus pincéis e lápis e o enredo dos seus vídeos, o traço que reúne o seu trabalho como um todo, através das suas variações de estilos e suportes. A metamorfose é um processo importante para os tempos em que vivemos, o que torna os seus desenhos, esculturas e vídeos particularmente significativos: quando tanto está em crise e mudança, e há tão pouco que nos ajude a lidar com o pluriverso, a certeza da transformação oferece um caminho para que a imaginação e a criatividade encontrem o seu rumo.

Múltipla e iridescente, a metamorfose manifesta-se de várias formas no trabalho de Mariana. A transparência é uma delas. Os seus desenhos recentes mostram de modo extraordinário como transparência e transformação se enredam uma na outra. Diversas criaturas — meio mulher, meio demónio, meio animal — emergem de camadas e véus de tinta em tons negros e laranjas, retendo a sua memória líquida, surgindo de superfícies e padrões

que se diluem entre si. São fascinantes na sua organicidade e revelam como a criação, para Mariana, é um processo de porosidade, de ser-com (*becoming-with*) — um termo tão importante para teóricas feministas como Donna J. Haraway e Vinciane Despret. As linhas aquosas que traça estão prenhes de narrativas e histórias que falam da interligação entre vida e mente, da natureza como todos os seres (incluindo nós próprios) e de como a nossa alma simbiótica atravessa o universo e habita todas as coisas, vivas e não.

Outra forma como a metamorfose surge no trabalho de Mariana diz respeito à sua relação com a linha. É raro encontrar artistas conseguem fazer de uma linha um ser vivo através de um gesto que parece tão simples, tão imediato e orgânico, e no entanto tão impossível de reproduzir. São artistas que nos fazem querer desenhar, pintar e esculpir; artistas que nos fazem acreditar que fazer arte define a condição humana e que todos somos capazes de desenhar e esboçar com a mesma naturalidade. Picasso podia transformar uma linha numa galinha, numa pomba ou num cão. Calder fazia gatos e elefantes com um simples movimento da mão. Joan Jonas transforma um gesto mínimo num mocho ou num peixe. Paula Rego não era tão sóbria no uso da linha e da cor, mas as suas primeiras figuras animais e humanoides dançam e interagem graças a um conhecimento intrínseco semelhante do poder da linha de dar vida. Do mesmo modo, a mão de Mariana sabe que uma linha é um ser vivo. Nos seus desenhos e esculturas, essa linha não é um contorno nem uma descrição, mas uma criatura: oscila, ramifica-se, dobra, estica, contrai-se. Transforma-se sem pedir permissão. Não imita a vida; é vida.

Com alguns gestos em vermelho, laranja e preto, expressos em manchas e linhas, a artista convoca figuras que estão sempre em movimento, suspensas entre o surgir e o desaparecer. Não são personagens nem representações, mesmo que tenham membros, colunas, antenas, patas, asas e raízes. Se tentar capturá-las e nomeá-las, mudarão e tornar-se-ão outra coisa. O corpo que parece cavalo torna-se, de repente, ave; o traço que parece humano dissolve-se em algo serpentiforme e vegetal. Estes desenhos reconhecem que os corpos — e, antes de mais, os nossos — nunca são fixos, e que as fronteiras entre espécies são porosas, instáveis e permeáveis. Esta recusa da certeza anatômica carrega uma irreverência ecofeminista, um conhecimento do que significa gerar e cuidar da vida de formas invulgares e para além da divisão das espécies. Os seres que saem das mãos da Mariana não obedecem a ideais clássicos de harmonia ou proporção. Não se oferecem para ser admirados, avaliados ou contidos. Escapam à lógica herdada do desenho de figura, onde corpos e coisas são muitas vezes representados estáticos, disponíveis e legíveis. Em vez disso, insistem no movimento e na mudança. Os seres que desenha são criaturas de relação, não de identidade. Pertencem a um campo expandido de corporização onde vulnerabilidade e agência coexistem. Movem-se pela página como quem reclama o direito de existir de outra maneira.

Se os desenhos de Mariana convocam corpos através do movimento, as esculturas que realiza dão a esses corpos peso e superfície. As peles vermelhas, estendidas no chão ou erguidas, lembram peles esfoladas, membranas protectoras ou diagramas anatómicos de espécies imaginadas. As suas extensões vermelhas evocam carne ou músculo; as formas brancas lembram órgãos, ossos ou sistemas vasculares. Mas, como nos desenhos, estas referências nunca formam uma anatomia reconhecível; são o resultado da imaginação, da mesma capacidade que nos

permite ver um rosto numa rocha, um cão numa nuvem, um homem na lua ou um par de olhos no tronco de uma árvore. Essa capacidade, chamada pareidolia, é vista por alguns como uma anomalia psicológica. Outros sabem que a matéria vibra e que os humanos não são os únicos a ter faces. Apresentadas de pé, estas peles erguem-se como guardiãs. A sua vulnerabilidade não é escondida; é o que lhes permite sustentar o espaço. Recusam a postura vertical e simétrica da escultura clássica, propondo antes um corpo que se mantém de pé pela sua própria condição exposta. Há uma insistência política nesta abertura, manifestada através de corpos que não são idealizados, aperfeiçoados ou purificados, corpos que mostram a sua complexidade interna sem vergonha nem espectáculo.

A par das peles vermelhas, os recortes turquesa expandem as linhas curvas de Mariana em estruturas, onde figuras surgem do que é retirado, emergindo através de aberturas, espirais e tentáculos. Cada recorte contém vários seres e formas em simultâneo, diluindo o limiar entre o vegetal e o animal, entre o ornamental e o anatómico. As suas superfícies podem ser escamas, folhas, asas ou conchas. São organismos compostos, guardiões ou emissários de mundos imaginados e potenciais rituais.

Recordando ainda que os corpos — os nossos e os dos outros — são mutáveis, relacionais e permeáveis, a instalação vídeo de três canais *Língua Flamboyant*, conduz-nos numa viagem hipnótica, quase de transe, através das possibilidades de coexistência entre espécies e escalas, entre vulnerabilidades e forças. Criando um mundo próprio, no qual a linha se torna corpo e o corpo se torna um lugar de transformação, o vídeo pede-nos que consideremos novamente — desta vez através da própria acção da artista — como habitamos os limites entre espécies, como transportamos memória no movimento e como podemos aprender a viver com a multiplicidade que já nos forma. Em conjunto, *Charme* cria um espaço onde seres em transformação contínua se podem encontrar, reconhecer e permanecer indomesticados.

Filipa Ramos
NOVEMBRO 2025

A autora escreve sem aplicação
do novo Acordo Ortográfico.

01.

MARIANA BARROTE

Talismã I, 2025

Aço de carbono, esmalte; 200 × 91,5 × 0,3 cm

02.

MARIANA BARROTE

Talismã II, 2025

Aço de carbono, esmalte; 193,5 × 97 × 0,3 cm

03.

MARIANA BARROTE

Talismã III, 2025

Aço de carbono, esmalte; 197 × 90 × 0,3 cm

04.

MARIANA BARROTE

Paradoxo da suspensão, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

05.

MARIANA BARROTE

Face, face, faça você, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

06.

MARIANA BARROTE

A dadora copiosa, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

07.

MARIANA BARROTE

Up, up, mais uma vez!, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

08.

MARIANA BARROTE

Suspensões enganchadas, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

09.

MARIANA BARROTE

Mariposa matutina, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

10.

MARIANA BARROTE

Devient devinette, 2025
Tinta da China e tinta acrílica
sobre papel Hahnemühle 450g; 50 × 65 cm

11.

MARIANA BARROTE

Dé-dé-dé, 2025
Tinta da China e tinta acrílica
sobre papel Hahnemühle 450g; 50 × 65 cm

12.

MARIANA BARROTE

Língua Flamboyant, 2025
Instalação de vídeo em três canais
(cor, som, 7'22'')

13.

MARIANA BARROTE

As portadoras do selo labrys, 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

14.

MARIANA BARROTE

Do espanto (gozo transformista), 2025
Tinta da China sobre papel
Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

15.

MARIANA BARROTE

Trilhos-memória, 2025

Tinta da China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

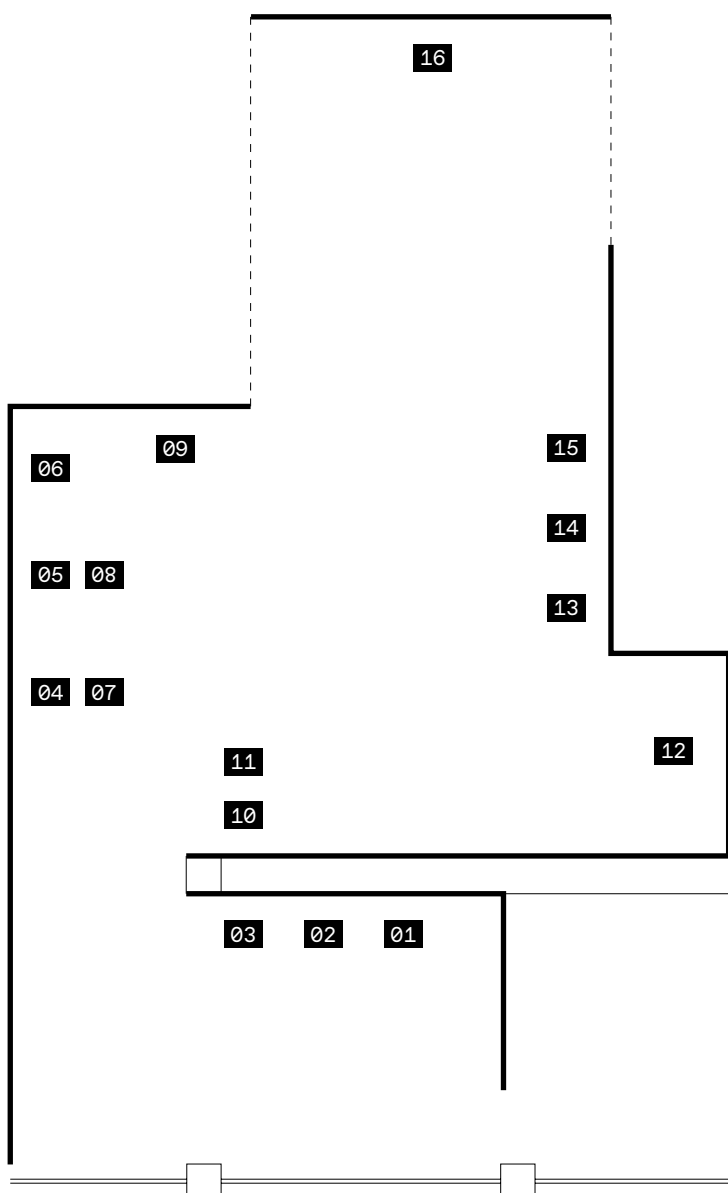
16.

MARIANA BARROTE

Bichana esdrúxula, 2025

Napa; 250 × 210 cm

PISO



Lehmann

Mariana Barrote Charme

22.11.2025

24.01.2026

[ES]

Mariana Barrote, *Charme*

Es difícil olvidar la primera vez que se encuentra el trabajo de Mariana Barrote. En su crudeza, simplicidad e inmediatez, cada imagen que la artista crea emana una fuerza y una fascinación que permanecen con nosotros durante mucho tiempo, como una imagen que habita nuestra mente y danza a través de nuestro cuerpo. Esa imagen puede ser una mujer, un caballo, una mariposa, un centauro u otra quimera. También puede ser un ser que no logramos reconocer — y eso no importa, porque no es realmente tan relevante *comprender* la obra, sino sentir un flujo que nos atraviesa desde los ojos hasta el estómago y el corazón, fijándose, en su inquietud, en nuestra mente.

Las figuras que Mariana crea existen en metamorfosis, un término inaprehensible que se escurre de las manos como una anguila en aguas turbias. Son un voto de cambio y de transformación, entidades en reconfiguración permanente y que también nos transforman. La metamorfosis es el médium de Mariana, la forma de sus pinceles y lápices y la trama de sus videos, el trazo que reúne su trabajo en un todo, a través de sus variaciones de estilos y soportes. La metamorfosis es un proceso importante para los tiempos en que vivimos, lo cual hace que sus dibujos, esculturas y videos sean particularmente significativos: cuando tanto está en crisis y en cambio, y hay tan poco que nos ayude a lidiar con el pluriverso, la certeza de la transformación ofrece un camino para que la imaginación y la creatividad encuentren su rumbo.

Múltiple e iridiscente, la metamorfosis se manifiesta de varias formas en el trabajo de Mariana. La transparencia es una de ellas. Sus dibujos recientes muestran de manera extraordinaria cómo transparencia y transformación se enredan una en la otra. Diversas criaturas —mitad mujer, mitad demonio, mitad animal— emergen de capas y velos de tinta en tonos negros y naranjas, reteniendo su

memoria líquida, surgiendo de superficies y patrones que se diluyen entre sí. Son fascinantes en su organicidad y revelan cómo la creación, para Mariana, es un proceso de porosidad, de ser-con (*becoming-with*) —un término tan importante para teóricas feministas como Donna J. Haraway y Vinciane Despret. Las líneas acuosas que traza están preñadas de narraciones e historias que hablan de la interconexión entre vida y mente, de la naturaleza como todos los seres (incluyéndonos) y de cómo nuestra alma simbiótica atraviesa el universo y habita todas las cosas, vivas y no vivas.

Otra forma en que la metamorfosis aparece en el trabajo de Mariana tiene que ver con su relación con la línea. Es raro encontrar artistas que logren hacer de una línea un ser vivo mediante un gesto que parece tan simple, tan inmediato y orgánico, y sin embargo tan imposible de reproducir. Son artistas que nos hacen querer dibujar, pintar y esculpir; artistas que nos hacen creer que hacer arte define la condición humana y que todos somos capaces de dibujar y esbozar con la misma naturalidad. Picasso podía transformar una línea en una gallina, una paloma o un perro. Calder hacía gatos y elefantes con un simple movimiento de la mano. Joan Jonas transforma un gesto mínimo en un búho o en un pez. Paula Rego no era tan sobria en el uso de la línea y del color, pero sus primeras figuras animales y humanoides bailan e interactúan gracias a un conocimiento intrínseco semejante del poder de la línea para dar vida. De la misma manera, la mano de Mariana sabe que una línea es un ser vivo. En sus dibujos y esculturas, esa línea no es un contorno ni una descripción, sino una criatura: oscila, se ramifica, se dobla, se estira, se contrae. Se transforma sin pedir permiso. No imita la vida; es vida.

Con algunos gestos en rojo, naranja y negro, expresados en manchas y líneas, la artista convoca figuras que están siempre en movimiento, suspendidas entre aparecer y desaparecer. No son personajes ni representaciones, aunque tengan extremidades, columnas, antenas, patas, alas y raíces. Si uno intenta capturarlas y nombrarlas, cambiarán y se volverán otra cosa. El cuerpo que parece caballo se convierte, de repente, en ave; el trazo que parece humano se disuelve en algo serpentiforme y vegetal. Estos dibujos reconocen que los cuerpos — y, antes que nada, los nuestros — nunca son fijos, y que las fronteras entre especies son porosas, inestables y permeables. Esta renuncia a la certeza anatómica carga una irreverencia ecofeminista, un conocimiento de lo que significa generar y cuidar la vida de formas inusuales y más allá de la división entre especies. Los seres que salen de las manos de Mariana no obedecen ideales clásicos de armonía o proporción. No se ofrecen para ser admirados, evaluados o contenidos. Escapan a la lógica heredada del dibujo de figura, donde cuerpos y cosas a menudo son representados estáticos, disponibles y legibles. En vez de ello, insisten en el movimiento y en el cambio. Los seres que dibuja son criaturas de relación, no de identidad. Pertenecen a un campo expandido de corporeización donde vulnerabilidad y agencia coexisten. Se mueven por la página como quien reclama el derecho de existir de otra manera.

Si los dibujos de Mariana convocan cuerpos a través del movimiento, las esculturas que realiza les dan a esos cuerpos peso y superficie. Las pieles rojas, extendidas en el suelo o erguidas, recuerdan pieles desolladas, membranas protectoras o diagramas anatómicos de especies imaginadas. Sus extensiones rojas evocan carne o músculo; las formas blancas recuerdan órganos, huesos o sistemas

vasculares. Pero, como en los dibujos, estas referencias nunca forman una anatomía reconocible; son el resultado de la imaginación, de la misma capacidad que nos permite ver un rostro en una roca, un perro en una nube, un hombre en la luna o un par de ojos en el tronco de un árbol. Esa capacidad, llamada pareidolia, es vista por algunos como una anomalía psicológica. Otros saben que la materia vibra y que los humanos no son los únicos que tienen rostros. Presentadas de pie, estas pieles se alzan como guardianas. Su vulnerabilidad no es escondida; es lo que les permite sostener el espacio. Rechazan la postura vertical y simétrica de la escultura clásica, proponiendo en su lugar un cuerpo que se mantiene erguido por su propia condición expuesta. Hay una insistencia política en esta apertura, manifestada a través de cuerpos que no son idealizados, perfeccionados o purificados, cuerpos que muestran su complejidad interna sin vergüenza ni espectáculo.

Además de las pieles rojas, los recortes turquesa expanden las líneas curvas de Mariana en estructuras donde figuras surgen de lo que es retirado, emergiendo a través de aberturas, espirales y tentáculos. Cada recorte contiene varios seres y formas simultáneamente, diluyendo el umbral entre lo vegetal y lo animal, entre lo ornamental y lo anatómico. Sus superficies pueden ser escamas, hojas, alas o conchas. Son organismos compuestos, guardianes o emisarios de mundos imaginados y de rituales potenciales.

Recordando una vez más que los cuerpos —los nuestros y los de los otros— son mutables, relacionales y permeables, la instalación de video de tres canales *Língua Flamboyant* nos conduce en un viaje hipnótico, casi de trance, a través de las posibilidades de coexistencia entre especies y escalas, entre vulnerabilidades y fuerzas. Creando un mundo propio, en el cual la línea se convierte en cuerpo y el cuerpo se convierte en un lugar de transformación, el video nos pide que consideremos nuevamente —esta vez a través de la propia acción de la artista— cómo habitamos los límites entre especies, cómo transportamos memoria en el movimiento y cómo podemos aprender a vivir con la multiplicidad que ya nos constituye. En conjunto, *Charme* crea un espacio donde seres en transformación continua pueden encontrarse, reconocerse y permanecer indomesticados.

Filipa Ramos
NOVIEMBRE 2025

01.

MARIANA BARROTE

Talismã I, 2025

Acero al carbono, esmalte; 200 × 91,5 × 0,3 cm

02.

MARIANA BARROTE

Talismã II, 2025

Acero al carbono, esmalte; 193,5 × 97 × 0,3 cm

03.

MARIANA BARROTE

Talismã III, 2025

Acero al carbono, esmalte; 197 × 90 × 0,3 cm

04.

MARIANA BARROTE

Paradoxo da suspensão, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

05.

MARIANA BARROTE

Face, face, faça você, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

06.

MARIANA BARROTE

A dadora copiosa, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

07.

MARIANA BARROTE

Up, up, mais uma vez!, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

08.

MARIANA BARROTE

Suspensões enganchadas, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

09.

MARIANA BARROTE

Mariposa matutina, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

10.

MARIANA BARROTE

Devient devinette, 2025

Tinta china y pintura acrílica sobre papel

Hahnemühle 450 g; 50 × 65 cm

11.

MARIANA BARROTE

Dé-dé-dé, 2025

Tinta china y pintura acrílica sobre papel

Hahnemühle 450 g; 50 × 65 cm

12.

MARIANA BARROTE

Língua Flamboyant, 2025

Instalación de vídeo en tres canales
(color, sonido, 7'22'')

13.

MARIANA BARROTE

As portadoras do selo labrys, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

14.

MARIANA BARROTE

Do espanto (gozo transformista), 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

15.

MARIANA BARROTE

Trilhos-memória, 2025

Tinta China sobre papel

Fabriano Torchon 270g; 50 × 70 cm

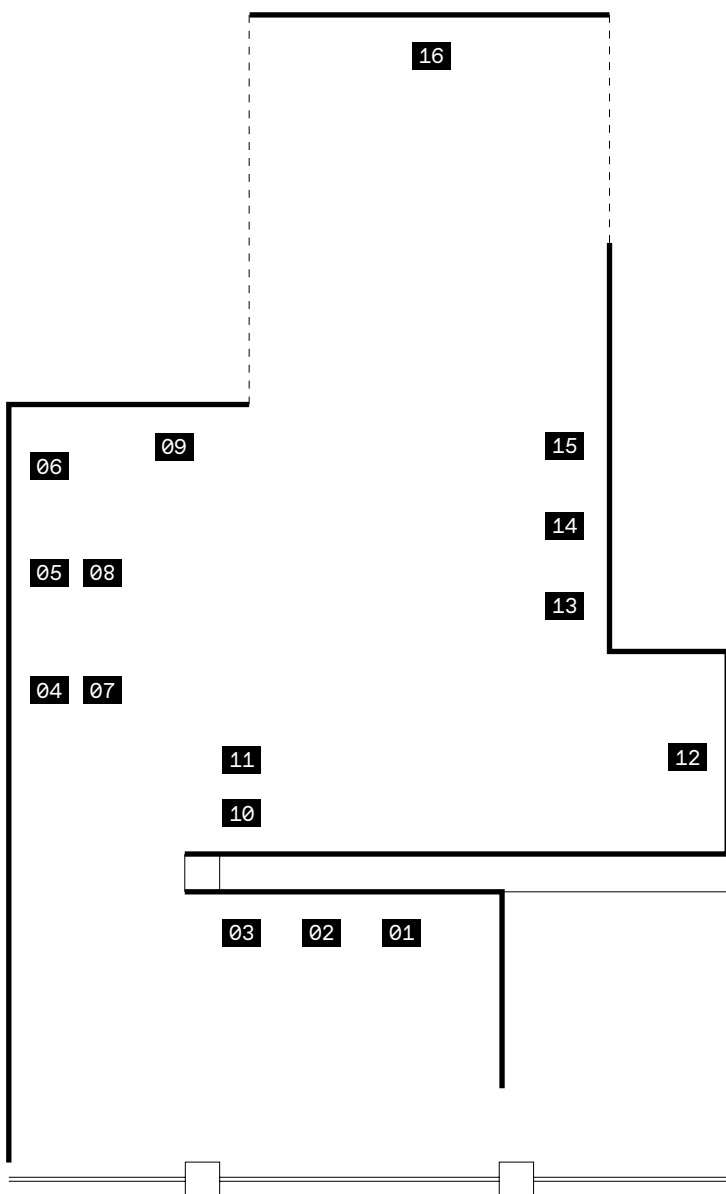
16.

MARIANA BARROTE

Bichana esdrúxula, 2025

Cuero sintético; 250 × 210 cm

PLANTA



Lehmann

Mariana Barrote Charme

22.11.2025

24.01.2026

[EN]

Mariana Barrote, *Charme*

It is difficult to forget the first time you encounter Mariana Barrote's work. In its rawness, simplicity and immediacy, each image that the artist creates emanates a strength and fascination that stays with you for a long time, like an image inhabiting your mind and dancing through your body. This image may be a woman, a horse, a butterfly, a centaur or another chimera. It may be a being that you cannot fully recognise, and that doesn't matter, because it is not that relevant to *understand* the work but to feel through a flow that runs from the eyes to the stomach to the heart, finally setting itself, in its restlessness, in the mind.

The figures Mariana creates exist in metamorphosis, an ungraspable term that slides through your hands like an eel in a muddy stream. They are an oath to change and transformation, entities in permanent reconfiguration and that also change you. Metamorphosis is Mariana's medium, the shape of her brushes and pencils and the plot of her videos, the trait that brings her work together as one across its variations of styles and supports. Metamorphosis is an important process for the times we are living in, which makes her drawings, sculptures and films particularly meaningful: when so much is in crisis and change, and there is so little out there to help us cope with the pluriverse, the certainty of transformation offers a pathway for imagination and creativity to find their way forward.

Multiple and iridescent, metamorphosis manifests itself in various ways in Mariana's work. Transparency is one of them. Her recent drawings attest to the phenomenal way in which transparency and transformation are entangled in one another. Various creatures — half woman, half devil, half animal — emerge from layers and veils of ink in tones of black and orange, retaining their liquid memory, emerging out of surfaces and patterns that dilute into one another. They are fascinating in their organicity and

reveal how creation, for Mariana, is a process of porosity, of becoming-with, a term so important for feminist theorists such as Donna J. Haraway and Vinciane Despret. The watery lines she makes are pregnant with narratives and stories that speak about the interconnection of life and mind, about nature being all beings (including ourselves), and about how our symbiotic soul traverses the universe and inhabits all things, living and non.

Another way in which metamorphosis appears in Mariana's work concerns her relationship to lines. Very few artists manage to make a living being out of a line with a gesture that looks so simple, so immediate and organic, and yet so impossible to reproduce. These are artists who make us want to draw, paint and make sculptures; artists who make us believe that making art defines the human condition and that we are all capable of drawing and sketching with the same ease. Picasso could turn a line into a chicken, a dove or a dog. Calder made cats and elephants with a single hand movement. Joan Jonas transforms a minimal gesture into an owl or a fish. Paula Rego wasn't that sober in the use of lines and colours, but her early animal and humanoid characters dance and interact with one another thanks to a similar, intrinsic knowledge of the power of a line to birth life. Likewise, Mariana's hand knows that a line is a living being. In her drawings and sculptures, this line is not a contour or description but a creature: it flickers, branches, folds, stretches, contracts. It transforms itself without asking permission. It does not imitate life; it is life.

With a few gestures in red, orange and black, expressed through patches and lines, the artist summons figures that are always in motion, caught half-way between emergence and disappearance. They are not characters, and they are not representations, even if they have limbs, spines, antennae, paws, wings and roots. If you try to capture and name them, they will shift and become something else. The body that seems a horse suddenly becomes a bird; the trace that appears human dissolves into something serpentine or vegetal. These drawings recognise that bodies — and first and foremost our own — are never fixed, and that the borders between species are porous, unstable and permeable. This refusal of anatomical certainty carries an ecofeminist irreverence, a knowledge of what it means to birth and foster life in unusual ways and beyond the species divide. Mariana's beings do not conform to classical ideals of harmony or proportion. They do not offer themselves to be admired, evaluated or contained. They escape an inherited logic of figure drawing, where bodies and things are often rendered static, available and legible. Instead, they insist on movement and change. The beings she draws are creatures of relation, not of identity. They belong to an expanded field of embodiment in which vulnerability and agency coexist. They move through the page as if claiming the right to exist otherwise.

If Mariana's drawings conjure bodies through movement, the sculptures she makes give those bodies weight and surface. The red skin-forms, unfolded on the floor or lifted upright, resemble flayed hides, protective membranes or anatomical diagrams of imaginary species. Their red expanses evoke flesh or muscle; the white shapes recall organs, bones or vascular systems. But, as in the drawings, these references never coalesce into a recognisable anatomy; they are the result of your imagination, of the same capacity that allows you to see a face on a rock, a dog in a cloud, a man in the moon or a set of eyes on a tree trunk. This capacity, called pareidolia, is seen by

some as a psychological anomaly. Others know that matter vibrates and that humans are not the only ones to have faces. Presented upright, these skins stand like guardians. Their vulnerability is not hidden; it is what allows them to hold space. They refuse the vertical, symmetrical posture of classical sculpture, proposing instead a body that stands by virtue of its own exposed condition. There is a political insistence in this openness, manifested through bodies that are not idealised, perfected or purified, bodies that show their internal complexity without shame or spectacle.

Alongside the red skins, the turquoise cut-outs expand Mariana's turned lines into structures, where figures appear out of what is removed, emerging through apertures, spirals and tendrils. Each cut-out contains several beings and shapes at once, diluting the threshold between the vegetal and the animal, between the ornamental and the anatomic. Their surfaces could be scales, leaves, wings or shells. They are composite organisms, guardians or emissaries for imagined worlds and potential rituals.

Further reminding us that bodies — our own and those of others — are mutable, relational and permeable, Mariana's three-channel video installation *Língua Flamboyant* takes us on a hypnotic, trance-like journey across the possibilities of coexistence across species and scales, across vulnerabilities and strengths. Making a world of its own, in which the line becomes body and the body becomes a site of transformation, the video asks us to once more consider — this time through the artist's own enactment — how we inhabit the boundaries between species, how we carry memory in movement, and how we might learn to live with the multiplicity that already shapes us. Together, *Charme* creates a space where beings in continuous transformation can meet, recognise each other and remain uncontained.

Filipa Ramos
NOVEMBER 2025

01.

MARIANA BARROTE

Talismã I, 2025

Carbon steel, enamel paint; 200 × 91,5 × 0,3 cm

02.

MARIANA BARROTE

Talismã II, 2025

Carbon steel, enamel paint; 193,5 × 97 × 0,3 cm

03.

MARIANA BARROTE

Talismã III, 2025

Carbon steel, enamel paint; 197 × 90 × 0,3 cm

04.

MARIANA BARROTE

Paradoxo da suspensão, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon
paper 270g; 50 × 70 cm

05.

MARIANA BARROTE

Face, face, faça você, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon
paper 270g; 50 × 70 cm

06.

MARIANA BARROTE

A dadora copiosa, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon
paper 270g; 50 × 70 cm

07.

MARIANA BARROTE

Up, up, mais uma vez!, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon
paper 270g; 50 × 70 cm

08.

MARIANA BARROTE

Suspensões enganchadas, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon paper 270g;
50 × 70 cm

09.

MARIANA BARROTE

Mariposa matutina, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon
paper 270g; 50 × 70 cm

10.

MARIANA BARROTE

Devient devinette, 2025

Indian ink and acrylic paint on
Hahnemühle 450g paper; 50 × 65 cm

11.

MARIANA BARROTE

Dé-dé-dé, 2025

Indian ink and acrylic paint on
Hahnemühle 450g paper; 50 × 65 cm

12.

MARIANA BARROTE

Língua Flamboyant, 2025

Three-channel video installation
(colour, sound, 7'22'')

13.

MARIANA BARROTE

As portadoras do selo labrys, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon paper 270g;
50 × 70 cm

14.

MARIANA BARROTE

Do espanto (gozo transformista), 2025

Indian ink on Fabriano Torchon paper 270g;
50 × 70 cm

15.

MARIANA BARROTE

Trilhos-memória, 2025

Indian ink on Fabriano Torchon paper 270g;
50 × 70 cm

16.

MARIANA BARROTE

Bichana esdrúxula, 2025

Artificial leather; 250 × 210 cm

